

2015/07/04

## Grécia, a visão privada de um cidadão

Pedro Soares Franco de Avillez<sup>1</sup>

O Estado Grego comunicou durante anos à UE e aos bancos credores números de estatística económica conscientemente falsificados, que lhe permitiam sacar benefícios e dívida muito acima do que legitimamente podia fazer. Esta hipocrisia e esta falta de ética não faz parte da moral política das democracias Europeias.

Foi este o fator, adicionado à publicidade das "conquistas sociais" exageradas e muito para além do praticado nas

restantes países da UE, que transformou o super-endividamento dos países do Sul num odioso junto das opiniões públicas de todos os outros países da Europa, e fez estremar as posições negociais dos credores e dos países mais disciplinados.

Este facto também contribuiu para a grande perda de respeitabilidade e simpatia do projeto Europeu pelas opiniões públicas de todos os países da UE.

Esticar os prazos de reembolso para prazos anormais e não praticados pelos mercados, como muitos opinam dever ser feito, equivale a transferir arbitrariamente para os credores o custo do financiamento dos endividados. Este procedimento teria que ser então também aplicado a outros países endividados, o que seria totalmente inoportável pelos mercados. Se assim não fosse feito, esse tratamento especial para a dívida Grega traduzia-se em penalizar os que foram comedidos nos seus gastos orçamentais e os que estão fazendo sacrifícios para reduzir dívida com medidas de austeridade. Tudo resultaria então em volumes inoportáveis e fantasiosos, além de também por em causa com riscos certos a confiança dos mercados a novos investimentos.

Muitos dos caminhos de facilidades de reembolso para a Grécia que muitos propõem não constituem um incentivo a que os governos tenham a coragem de proceder às difíceis reformas estruturais necessárias nos Estados europeus. As estruturas económicas rígidas e o peso excessivo do Estado são heranças de políticas antiquadas. As economias dinâmicas modernas querem-se competitivas e os governos devem criar incentivos de criatividade à atividade privada, condição que a História provou serem mais apropriadas para podermos atingir melhores níveis de riqueza económica e cultural nacional e de qualidade de vida, objetivos a que todos aspiramos.



---

<sup>1</sup> Economista e empresário

O grande problema da Grécia é que não produz riqueza para o nível de vida que gasta, não tem suficiente industria para exportação nem educação comercial e cultura para constante procura de rentabilidade. Mesmo o Turismo praticado é pouco sofisticado e insuficiente gerador de mais serviço. A sua tradicional atividade marítima é maioritariamente baseada em empresas *off-shores* e em navios com bandeiras de conveniência, portanto escapando a contribuição fiscal. A Grécia não tem um aparelho de coleta fiscal eficiente nem uma cultura de contribuição da população para os custos do Estado com os serviços e apoios que querem ter. Todos conhecemos que na Grécia poucos transações pagam impostos. A existência da Grécia no Euro é uma hipocrisia, pois a sua vida fiscal e orçamental não tem as condições necessárias para o país partilhar com outros Estados Europeus a já muito discutível união monetária.

É um facto que os Alemães e os Franceses têm muita culpa em terem puxado o endividamento da Grécia. O pecado principal, e raramente referido na imprensa, foi a venda maciça de armamento, 800 tanques *Leopard*, (quando Portugal tem uns 40 e a Grã Bretanha uns 250!), 6 ou 8 submarinos e centenas de aviões franceses! Para quê? Para se defenderem dos Turcos, ambos os países aliados na Nato! A defesa de um risco de conflito não podia ter sido assegurada com maior bom senso pela própria Nato, com muito melhor economia para o Orçamento do Estado Grego? Mas Alemães e Franceses foram gananciosos...e ajudaram a criar uma crise orçamental e de dívida externa Grega. O futuro terá que julgar e penalizar estes e outros, nomeadamente instituições financeiras internacionais, que ajudaram ao desastre económico da Grécia.

Estou consciente que a população Grega irá sofrer muitíssimo com a inevitável saída da Grécia do Euro. Para além de ajuda humanitária que tenho a convicção que será mobilizada na Europa, espero que a UE os ajude a relançar o Dracma e sobretudo que o país aprenda depressa a sair das utopias marxistas para onde o Syriza os levaram, pois a retoma terá que passar por a Grécia voltar ao pais real e a desenvolver urgentemente as suas empresas económicas.

Finalmente, não penso que a saída da Grécia seja o fim do Euro e que arraste outros países da UE, mas espero que seja antes uma grande oportunidade para se rever as condições de funcionamento do Euro, sistema que desde o início critiquei num congresso da Gulbenkian realizado com a participação de vários economistas em Paris. Uma união monetária sem coordenação e sem disciplina fiscal e orçamental é uma verdadeira utopia, deriva em que Franceses e Alemães gostaram frequentemente de se deixar embalar na História.

Também não penso que a saída da Grécia do Euro traga problemas económicos e políticos inultrapassáveis para as economias dos restantes Membros da UE, posto que neste momento a grande maioria das dividas do Estado Grego são a Estados e Organismos Internacionais e não a bancos privados e empresas privadas nos outros países da União Europeia, ou seja não afeta diretamente o funcionamento das economias nacionais o incumprimento da divida Grega. Por outro lado como sabemos os FMI e BCE têm maneiras de criar eles próprios recursos financeiros para digerirem os seus próprios problemas!

Poderão certamente detetar a minha pouca simpatia pelos problemas da economia Grega. É verdade que tenho pouco respeito pela sociedade Grega atual, mas não é

por razões ideológicas, étnicas ou preconceito. De facto tive seis anos de experiência direta de envolvimento com empresas e empresários Gregos quando no final dos anos oitenta tinha a minha empresa de armamento naval com os meus quatro petroleiros. Também tratei na época com armadores e empresas Norueguesas, Francesas, Portugueses e italianas, mas nunca com estes houve problemas de desonestidade ou mau carácter (os italianos também por vezes "metiam a colher", mas quando o assunto era levantado arranjava-se tudo e as relações eram sempre corretas e agradáveis!) Já com os Gregos era sempre aldrabices e discussões ordinárias, nunca nos sentimos com parceiros corretos e profissionais, as vigarices primárias que sofri eram constantes, viviam num mundo diferente, só deles e sem nenhuma afinidade com o resto da comunidade marítima! Lamento ter de dizer brutalmente isto, mas está verdade vivida tem que ser dita, pois explica muito daquilo em que infelizmente a Grécia caiu.

Esperando que esta versão contribua construtivamente para a resolução deste drama Europeu.